# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

17.º Anno — XVII Volume — N.º 569

11 DE OUTUBRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Ha cousa de treze annos uma *coqueluche* violenta que atacou a minha filha mais velha, que então era a mais nova, porque ainda não tinha as outras, e contava apenas dois annos d'idade, obrigou-me a fugir de repente de Lisboa e a ir por ahi fóra á procura do unico remedio efficaz que se conhece contra a tossa convulsa: — a mudança d'ares.

Fui e dei-me muito bem com isso porque apenas chegou ao Minho a minha querida doentinha começou a melhorar a olhos vistos e quando já de volta para Lisboa fizemos uma estação de quinze dias no Bom Jesus do Monte já ella estava quasi boa.

Essa estação do Bom Jesus foi para nós todos um encanto e lembro me perfeitamente de me ter referido largamente a ella aqui mesmo n'este jornal, já em chronicas já em cartas de viagem, chronicas e cartas escriptas — recordo me tão bem como se ainda lá estivesse a escrevel as — na janella do meu quarto no Hotel do Elevador, uma ampla varanda que olhava para um dos mais vastos e encantadores panoramas do nosso encantado Minho.

E apesar de não ter uma memoria por ahi alem tenho quasi a certeza que n'essas cartas lhes fallei mais d'uma vez d'esse maravilhoso panorama e mais d'uma vez tambem lhes fiz o elogio do Bom Jesus do Monte, que é o sitio mais aprazivel e mais pittoresco que eu conheço no nosso paiz, e o elogio do Hotel do Elevador que n'esse tempo era não só o melhor hotel da Provincia, como tambem era melhor que os melhores de Lisboa.

E era melhor que os melhores de Lisboa porque tinha á sua frente a dirigil o, a vigiar o serviço, a espreitar todos os momentos de poder ser agradavel aos seus hospedes, de lhe advinhar as vontades, o proprietario, que era não só um homem de grande valor intellectual, um industrial dos mais illustres, dos mais emprehendedores e dos mais activos da nossa terra, como tambem um homem de esmerada educação, de fina cortezia, de interessante tracto, e que acima de todas essas captivantes qualidades possuia no mais alto grau um dom precioso que não se adquire, que não se conjunta, que é nativo o dom da svmpathia. — o Manuel Joaquim Gomes, o Gomes do Bom Jesus, o Burnay de Braga, como lhe chamavam, pela sua actividade quasi inverosimil, pela sua arrojada iniciativa, que não recuava diante das mais assustadoras difficuldades e que as vencia a todas, com uma felicidade inaudita.

Quando nós conhecemos o Gomes n'essa nossa primeira estação no Bom Jesus tinha elle os seus quarenta annos. Era muito alegre muito jovial, excellente conversador e fazia as honras do seu hotel com a gentilesa, a amabilidade, a bizarria fidalga, com que o mais obsequiador e hospitaleiro gentil homem portuguez dos bons velhos tempos podia fazer as honras do seu solar.

E d'ahi, d'essa maneira tão intelligente — tão nova em Portugal de comprehender a missão de dono de Hotel — a gente esquecer se completamente de que estava n'uma hospedaria, convencer-se de que estava em sua casa, sem lhe faltar nenhuma das commodidades, dos confortos, que todos, ricos ou pobres, tem mais ou menos no seu cantinho, d'ahi o ficarem sendo todos os hospedes não só hospedes certos para todos os annos como tambem, geralmente, amigos seguros para toda a vida.

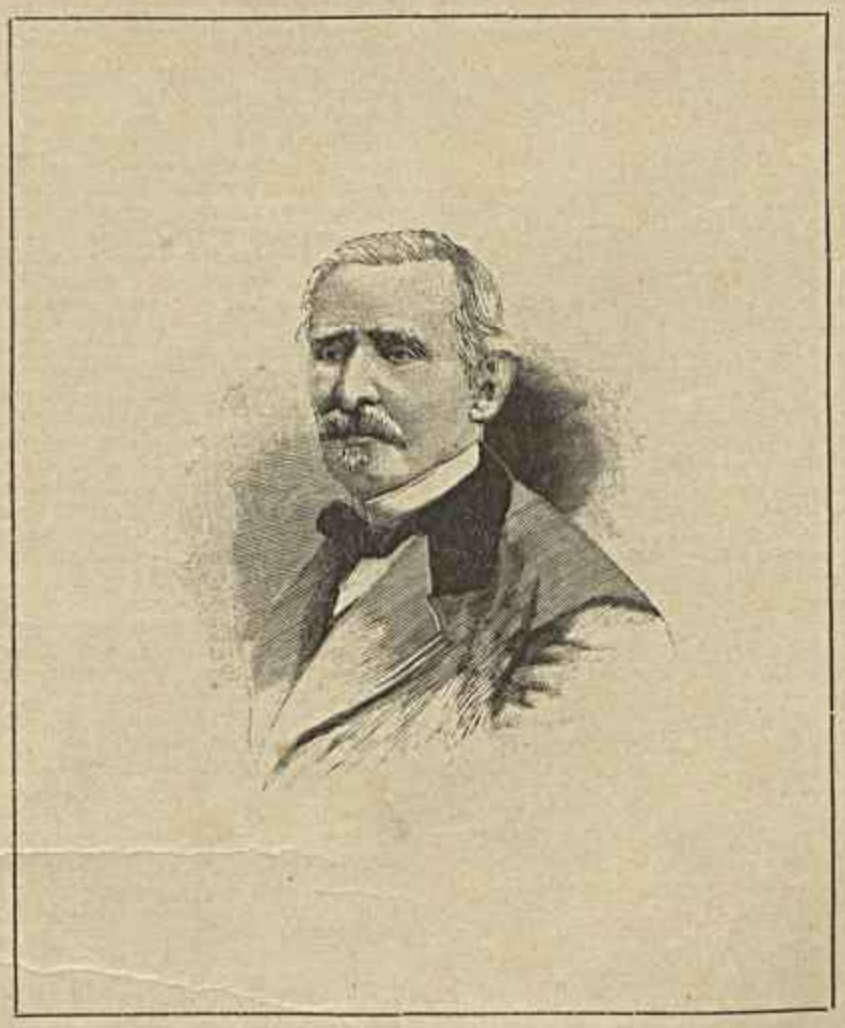
A divida contrahida pela hospedagem no Hotel não se liquidava no escriptorio, no momento da despedida, com o recibo da conta, ficava sempre em aberto na parcella amizade, delicadeza, favores que se tinham recebido do proprietario e por isso o Gomes tinha amigos por todo o paiz e era vêl-o, quando ás vezes elle vinha a Lisboa, a correr d'um lado para o outro, sem ter mãos a medir, sem poder fazer honra aos almoços, aos jantares, aos convites que em casa lhe choviam dos seus hospedes de verão, que queriam por força têl-o á sua meza, disputavam com interesse, com amizade, a sua boa companhia.

Ora exactamente porque o Gomes do Bom Jesus era tão estimado não só em Braga como em todo o paiz, exactamente porque as suas altas qualidades de intelligencia, o tornavam tão notavel, como as suas altas qualidades de caracter o tornavam tão querido, é que hoje nos encontramos aqui a fallar d'elle outra vez, mas a fallar tristemente, profundamente compungido como compungidos me lerão todos que o conheceram

O Gomes morreu em Davos-Platz, na Suissa, nos ultimos dias do mez de setembro.

Ha quatro annos que elle lá estava para a Suissa, procurando no tratamento das altitudes, melhoras, senão cura, d'uma affecção pulmonar que

## HOMENAGEM Á MEMORIA DE ANTONIO MANOEL DA FONSECA



ANTONIO MANUEL DA FONSECA

(Copia de uma photographia)

o obrigou a deixar o seu Hotel, a sua Braga, a sua vida activa e trabalhadora a que tanto queria.

Vendo-se acometido pela terrivel doença e não tendo duvidas acêrca da gravidade do seu estado appellou para a Suissa, para as curas maravilhosas, que lá se tem feito, como se apella para a ultima esperança.

Partiu para lá ha quatro annos e nos primeiros tempos teve sensiveis melhoras. Ha mezes ainda, o seu cunhado, e nosso particular amigo o sr. João Vieira da Silva, consul geral do Brazil em Lisboa, de regresso da Suissa nos disse ter ali estado com o Gomes e tel-o encontrado optimo.

Agora porém nos primeiros dias d'este mez surprehendeu-nos tristemente a noticia da sua morte, noticia sem mais promenores, sem dizer se foi a tisica que o matou, aggravando-se, se foi qualquer outra doença, com que não contava.

Manuel Joaquim Gomes que se tornou tão notavel em Braga e ali adquiriu pelo seu trabalho, pela sua actividade, pela sua intelligencia, logar proeminente, era filho de paes humildes e honra lhe seja nunca se esqueceu nem se envergonhou do seu modesto berço, nunca se deixou estontear pelos fumos da vaidade.

MANUEL JOAQUIM GOMES

O Gomes tinha 54 annos. Nasceu em 26 de setembro de 1840 em Santa Christina de Longos. Aos 10 annos veio para Braga como marçano, para a loja de pannos do sr. José Bento da Silva. D'ali a 4 annos passou como caixeiro para a loja do sr. Manoel Antonio da Silva, tomando lhe d'ali a 5 annos o estabelecimento de trespasse e começando a negociar por sua conta.

Muito activo, muito intelligente, muito esperto, muito trabalhador, fez carreira rapida, grangeando sympathias e amizades sinceras. Em 1876 casou com uma irmã do sr. João Vieira da Silva, filha d'um negociante rico e opulento, que consentiu de boamente no casamento porque gostava muito do Gomes, e sabia bem quanto elle valia.

Braga deve a Manuel Joaquim Gomes a companhia de carris de ferro, de que elle foi fundador, iniciador e director, o elevador do Bom Jesus, os grandes hoteis do Bom Jesus, a primeira padaria feita pelos processos modernos, e um grande numero de melhoramentos que a municipalidade de Braga galardoou, offerecendo ao benemerito Gomes uma medalha d'ouro. Foi tambem obra do Gomes a reorganisação da companhia fabril do Cavado, os grandes hoteis do Gerez, e os ascensores de Lisboa de que elle foi o iniciador.

Gomes era um orador eloquente e enthusiasta.

O seu cadaver vem para Braga, mas como não foi embalsamado não poude vir por terra; nem por mar e em Braga preparam lhe grandes funeraes para quando elle chegar, e é de justiça porque Braga deve muito á sua alta capacidade e á sua actividade enorme.

Nós que sentimos profundamente a morte do pobre Gomes, de quem eramos sinceramente amigos, enviamos os nossos doloridos pezames á sua desolada familia.

*
* *

Decididamente a Suissa está-se portando muito mal para com os doentes portuguezes.

Em menos de uma semana chegaram-nos de lá noticia da morte de dois patricios nossos dos mais queridos e dos mais estimados.

N'um dia a noticia da morte do pobre Gomes do Bom Jesus: d'ali a 4 ou 5 dias a noticia da morte de D. José d'Almeida, um excellente rapaz muito conhecido em Lisboa já pela sua familia, já pelas suas bellas qualidades de caracter, já pelas suas excepcionaes prendas de cantor.

D. José d'Almeida cuja explendida voz de baixo e a excellente vocação de cantor eram bem conhecidas e bem applaudidas em Lisboa, era filho da Ex.ma Sr.a D. Carolina Street d'Arn'aga e Cunha, filha dos fallecidos viscondes de Carnide, e de D. Francisco d'Almeida, coronel d'Estado Maior, ajudante de campo d'El-Rei D. Luiz que o distinguia com particular amizade.

D. JOSÉ D'ALMEIDA

Tinha apenas 36 annos, pois nasceu em 7 de fevereiro de 1858.

Desde pequeno mostrando grandes disposições para a musica, D. José d'Almeida não seguiu a carreira de cantor para não contrariar a sua familia. Assentou praça no exercito, fez o seu curso, e a morte surprehendeu o quando elle já era capitão de artilheria e official ás ordens d'El-Rei D. Carlos, mas a sua grande paixão foi sempre a musica, foi á musica que elle se dedicou de coração e com o enthusiasmo d'um verdadeiro artista. A sua voz era magnifica e alcançou lhe ruidosos triumphos já em concertos, já em recitas de caridade.

Em S. Carlos cantou D. José d'Almeida com grande exito a parte de Fra Cristofaro, nos *Promessi Sposi*, de Ponchielli, que se representaram uma noite em beneficio de caridade, e no theatro de S. João do Porto cantou e representou duas noites em recitas de curiosos a parte de Mephistopheles no *Fausto* de Gonnod, sendo muito applaudido. Doido pela musica D. José d'Almeida dava-se muito com todos os artistas lyricos que vinham a Lisboa e que todos tinham por elle muita consideração, pelo muito que elle sabia da arte e pelos altos dotes artisticos que possuia. Um dos trechos que D. José mais gostava de cantar em concertos e que realmente cantava com a perfeição d'um mestre era a aria do *D. Carlos*, de Verdi:—*Ella giammai m'amo*.

Em fevereiro d'este anno D. José foi accommettido d'uma congestão pulmonar. Os medicos aconselharam que partisse para a Suissa e em março o pobre rapaz partiu para ali acompanhado por sua mãe que o idolatrava, e por sua esposa que o estremecia a Ex.ma S.a D. Julietta da Fonseca, filha do sr. Francisco Lourenço da Fonseca e irmã do nosso querido amigo o Dr. Lourenço da Fonseca, o illustre especialista de doenças d'olhos.

Até meados de setembro deu se muito bem: esteve em Montreux, Interlaken, St. Beatenberg, Zurich, alcançando sempre progressivas melhoras e esperançado na proximidade d'uma cura completa.

Em meados de setembro seguiu para Dovos-Platz. Ahi estranhou muito a temperatura que estava frigidissima, e na noite de 28 de setembro, quando se ia a deitar foi accommettido d'outra congestão pulmonar, á qual sobreveio uma pneumonia dupla que o matou em 7 dias.

No dia 5 do corrente o desgraçado moço exhalava o ultimo suspiro nos braços amantissimos de sua mãe e de sua esposa, a cuja enorme dôr nos associamos sinceramente.

D. José d'Almeida era um excellente rapaz, uma alma d'artista, aberta a todos os grandes enthusiasmos, um coração d'ouro, aberto a todos os grandes sentimentos. Amigos velhos de D. José d'Almeida tinhamos por elle profunda estima e sentimos profundo pesar pela sua morte.

Que descance em paz!

*Gervasio Lobato.*

## ANTONIO MANOEL DA FONSECA

Não esqueçamos os que se foram, tanto mais quando deixaram recordações gloriosas que se impõem ao nosso respeito e admiração.

Poderá ser tardia a homenagem que o OCCIDENTE hoje presta ao fallecido artista Antonio Manoel da Fonseca, mas nem por isso é menos justa nem menos convicta.

Varias causas, principiando pela difficuldade de obter o retrato e photographias de algumas das obras do artista, impediram que mais cedo prestassemos esta homenagem, reservando nos para logo que fosse possivel commemorar o anniversario da morte de Antonio Manoel da Fonseca.

Passou no dia 4 do corrente esse anniversario, o quarto da morte do decano dos artistas portuguezes d'este seculo, pois quasi que com elle nasceu e quasi que com elle se finou.

Antonio Manoel da Fonseca, nasceu em Lisboa, no anno de 1793, filho de João Thomaz da Fonseca, pintor historico, de quem recebeu as primeiras lições de desenho e de pintura.

Falleceu a 4 de outubro de 1891 pelo que viveu noventa e oito annos, e quando dizemos viveu, poucas vezes se poderá empregar este verbo, com tanta propriedade na acepção do individuo que produziu e gozou.

Muitos vejetam e outros duram, ou toda a vida ou uma parte d'ella, porque passados os annos da mocidade e da adolescencia entram n'uma velhice esteril e inutil, em que duram para apenas se recordarem do que fizeram e desdenharem do que vêem fazer.

Com Antonio Manoel da Fonseca não aconteceu assim. Elle viveu quasi um seculo, e viveu uma vida de constante trabalho, em que o seu espirito se conservou tão vivo como o seu corpo, podendo o artista viver tanto como o homem por que o occaso da vida foi egual para os dois.

É raro este caso em qualquer situação: é rarissimo em um artista, que, em geral, morre sempre para a arte antes que se lhes extinga a existencia.

Antonio Manoel da Fonseca teve, pois, essa qualidade rara de viver tão vigoroso no espirito como no corpo, assistindo á passagem de duas gerações de artistas; a que com elle nasceu, a que elle em parte educou.

Aos oitenta e seis annos restaurava as pinturas que tinha feito aos vinte annos, e para isso subia a andaimes porque tinha de as restaurar em um tecto.

Foi a sua bella composição o *Rapto das Sabinas*, um fresco admiravel que havia pintado em o tecto da grande sala do palacio do Quintella, antes da sua partida para Italia, que elle veio restaurar, em 1880.

O tempo tinha impresso mais estragos na obra do que no auctor d'ella, e coisa ainda mais singular, a opolenta familia do que lhe incumbira essa obra era quasi extincta e pobre, sendo a restauração feita por conta do novo proprietario o sr. Carvalho Monteiro.

No *atelier* de Antonio Manoel da Fonseca, nunca foi posto de parte o cavalete, nem se seccaram as tintas na paleta. Ainda nos ultimos tempos pintava retratos, *panaoux* ou qualquer outra obra que lhe encommendassem, e quando não tinha encommendas ia sempre trabalhando por conta propria com a mesma vontade de outros tempos.

*
* *

Pertencia Antonio Manoel da Fonseca á velha escola como tantos outros artistas da mesma epoca. Antonio Costa, Salles, o celebre restaurador Antonio Caetano, o esculptor Assis, Joaquim Raphael, José da Costa Sequeira, etc.

Foi discipulo da Escola de Desenho dos Caeta-

nos, mas a sua grande disposição para a arte de pintura, levou-o a procurar mais vasto campo para o seu estudo e desenvolvimento.

Proporcionou-se-lhe o ensejo para realisar as suas aspirações, indo estudar para Roma, subsidiado pelo Estado e pelo conde de Farrobo, a quem havia acabado de pintar o tecto a que já nos referimos.

Em Roma teve por mestres Camuccini e Pozzi e fez copias dos grandes auctores, como Raphael Sansio, Domenico, Dolce e outros.

As mais notaveis d'essas copias e que hoje existem no nosso Museu de Bellas Artes, tendo antes pertencido ao conde de Farrobo, são: *Transfiguração de Christo*, de Raphael Sansio; *Communhão de S. Jeronymo* de Domenico Zampieri, mais conhecido pelo nome de Domenichino.

Estas copias são justamente apreciadas por Raczynski na sua obra.

A guerra civil que por aquelles tempos se feria em Portugal, obrigou Antonio Manoel da Fonseca a conservar-se em Italia até 1834, e assim deixou n'aquelle paiz muitas obras suas de que apenas temos noticia de um quadro existente em Milão, *Camões invocando as Tagides*, e em outras terras de Italia *A victoria da Paz*, *A ressurreição de Lazaro*, e uns retratos do conde e da condessa de Ferragio.

Por 1834 regressou Fonseca a Portugal e tendo o governo criado a Academia de Bellas Artes de Lisboa, nomeou-o para o logar de professor de pintura historica.

O seu grande quadro *Eneas salvando Anchyses do incendio de Troya*, que reproduzimos em gravura, appareceu na primeira exposição da Academia de Bellas Artes, em 1843, e foi depois reproduzido no *Jornal de Bellas Artes* e d'elle escreveu Almeida Garrett com grande elogio dizendo, que era a obra mais notavel que apparecia em Portugal depois da morte do grande Sequeira.

A pintura sacra inspirou muitas vezes a paleta de Fonseca e alem das copias e originaes já citados apontam-se ainda os seguintes quadros a oleo: *A visitação de Nossa Senhora*, *A sacra familia* *A Senhora da Caridade* e *Jesus entre os doutores*.

Em frescos o mais notavel é o da *Gloria de S. Nicolau*, pintado no tecto da egreja da mesma invocação em Lisboa, obra relativamente moderna como o é a construcção da dita egreja.

Um outro, quadro notavel de Fonseca é: *A morte de Affonso de Albuquerque*, de que falla Raczyeski com louvor, nas seguintes palavras: acho sobretudo que esta composição não tem remeniscencias de outras, impressão que tenho recebido de muitas obras de M. Fonseca. As figuras são bem agrupadas, a côr é agradavel. Esta ultima qualidade se encontra mais ou menos em todas as obras de M. Fonseca.

Entre a grande quantidade de retratos pintados por Fonseca, notaremos o da rainha D. Maria II e o do rei D. Pedro V, como mais conhecidos e apreciados, sendo Manoel Antonio da Fonseca pintor da Casa real pouco depois da apresentação do seu quadro *Eneas salvando Anchyses do incendio de Troya*.

Cultivou Fonseca tambem a esculptura, e se n'ella não brilhou tanto como na pintura, nem por isso deixou de produzir algumas obras notaveis como um baixo relevo de Promutheu e a que reproduzimos em gravura e que representa *Adonis luctando com o javali*.

Este grupo, cuja modelo existe no Museu de Bellas Artes, foi adquirido por El rei D. Fernando que o mandou fundir em bronze, em Paris.

Manoel Antonio da Fonseca era membro do Instituto de França e condecorado com varias ordens nacionaes e estrangeiras, como cavalleiro e commendador da de Christo, de Cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição e o habito da Roza do Brazil.

Este artista notavel deixou um filho que tambem é um artista dos mais destinctos, o sr. Antonio Thomaz da Fonseca, actual professor e director da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

Longa foi a vida de Manoel Antonio da Fonseca, e grande foi o exemplo que deixou para aquelles que trabalham e luctam na espinhosa carreira das artes.

Os annos não lhe esfriaram o enthusiasmo nem lhe apagaram a crença na arte. Teve bastante força moral e phisica para proseguir até o fim, e quando muitos se quédam gastos de espirito e inuteis para o grande concerto do trabalho, elle firme e vigoroso continuava a sua tarefa util.

Previlegiada organisação.

Descubra-m'o nos respeitosos perante a sua memoria, e que outros completem o que apenas aqui deixamos esboçado.

*Caetano Alberto.*

## A. A. SOARES DE PASSOS

### TEXTO

ADEUS

Ai! adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado:
Sôa a hora, o momento fadado:
É forçoso deixar-te, e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias de amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outono lhes despe os encantos;
Cedo o inverno com gélidos mantos
Baixará das montanhas d'além.
Tudo triste, sombrio e gelado,
Ficará sem verdura nem flores;
Tal meu seio, privado d'amores
Ficará, de ti longe, tambem.

Não sei mesmo, não sei, se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?!
Sobre as ondas, sem norte e sem rumo,
Açoitado por ventos funestos,
Sumirá por ventuta seus restos
Nas voragens do ignoto parcel.

Mas, ah! longe esta idéa sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Apoz dias de amargo tormento,
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente;
E na volta da quadra florente
Eu c'oas flôres virei outra vez.

Mas se as flôres dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flôres da vida...
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir.
E cada anno que o sôpro do outono
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembre-te inda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir.

FIM

*A. A. Soares de Passos.*

### VERSIONE

ADDIO

Ahi! addio! terminarono i giorni
In che vissi felice al tuo lato:
Suonó l'ora, il momento fatato:
Or mai devo lasciarti, e partir.
Comme belli, ma quanto fûr brevi!
Questi giorni di amore e ventura!
Ma ahi! che quei d'un'assenza si dura
Mi prenunciano un fosco avvenir!

Vedi tu questi campi fioriti?
Già l'autunno privolli d'incanto;
Presto il verno col gélido manto
Dalle eccelse montagne verrá.
Tutto triste, nebbioso, gelato,
Sará senza verzûra né fiori:
D'egual forma, il mio cor senza amori
Da te lungi, o mio Ben, resterá.

Nemmen so se, al ritorno, il destino
Mi dará ch'io ti stringa al mio core...
Ah! chi sa dove il mare in furore
Potrá il débil battél trascinar!
Sopra l'onde correndo a ventura,
Flagellato da venti funesti,
Chi sa mai che spariscan suoi resti
In abissi d'incognito mar!

Ma si sperda un'idea cosí tetra!
Via un pensier di si fiero spavento!
Dopo i giorni d'amaro tormento,
Forse giorni piú belli vedrò.
Dammi ancór con tue labbra un sorriso,
Una speme che acqueti la mente;
E, al tornare d'un maggio fiorente,
Io di nuovo coi fior torneró.

Ma ove tórnino i fiori del campo,
Non tornand'io col fior della vita...
Piangi allor quel che in tomba romita
Dorme lungi il suo eterno dormir.
Ed ogni anno, sfogliando l'autunno
L'olmo bel del giardin che fu mio,
Non scordarti dell'ultimo addio,
Dell'addio ch'io ti dissi al partir.

FINE

*Prospero Peragallo.*

## J. DA S. MENDES LEAL

### TEXTO

BALLADA

— «Que pretendeis, cavalleiro?»
— «Nobre sou, e vós sois bella:
«Dae me pois, gentil donzella,
«Dae-me o vosso coração.

«Dar-vos-hei, em troca d'elle,
«Meu collar que é d'oiro fino,
«E alvo manto peregrino,
«E as joias do meu brazão.

«Dar-vos hei mais dez herdades,
«E o meu solar de Granada,
«E os rubis da minha espada,
«Sem reparar quantos são.

«E de tudo o que vos digo,
«E de quanto mais me esqueço,
«Só, donzella, em troca peço...
«Só vos peço o coração.

— «Guardae, senhor, vossas joias
«E os vossos dons seductores;
«Por oiro trocar amores,
«Não é, senhor, meu condão.

«Guardae, guardae vossas joias,
«Que eu guardarei meus affectos.
«Presentes tão indiscretos
«Dae a outras, a mim não.

«A mim não; que tal não cumpre
«A donzella que é briosa:
«Pobre sou, mas orgulhosa...
«Dou, não vendo o coração.

FIM

*J. da S. Mendes Leal.*

### VERSIONE

BALLATA

— «Che volete, o cavaliere?»
— «Nobil son, voi siete bella:
«Date a me, gentil donzella,
«Su, mi date il vostro cor.

«In iscambio, io voglio darvi
«Un collare d'oro fino,
«Un manto alvo pellegrino,
«Gioie del mio stemma ancór.

«Piú, vi dó dieci poderi,
«E il castel mio di Granada,
«E i rubbini della spada,
«Né dir so il numero lor.

«E di quanto io v'offerisco,
«E del piú che mi scord'ora,
«Chieggo sol, vaga Signora,...
«Chiedo in cambio il vostro cor.

— «Sian con voi, signor, tai doni,
«E i monili seduttori:
«Di scambiar per oro amori,
«Non é il mio stile, o signor.

«Ritenétevi le gioie,
«Ch'io terró gli affetti miei.
«Non a me doni si rei
«Date, ma a qualche altra allor.

«Non a me: che non stan bene
«A donzella dignitosa:
«Son tapina, ma orgogliosa....
«Dono sí, non vendo il cor.

FINE

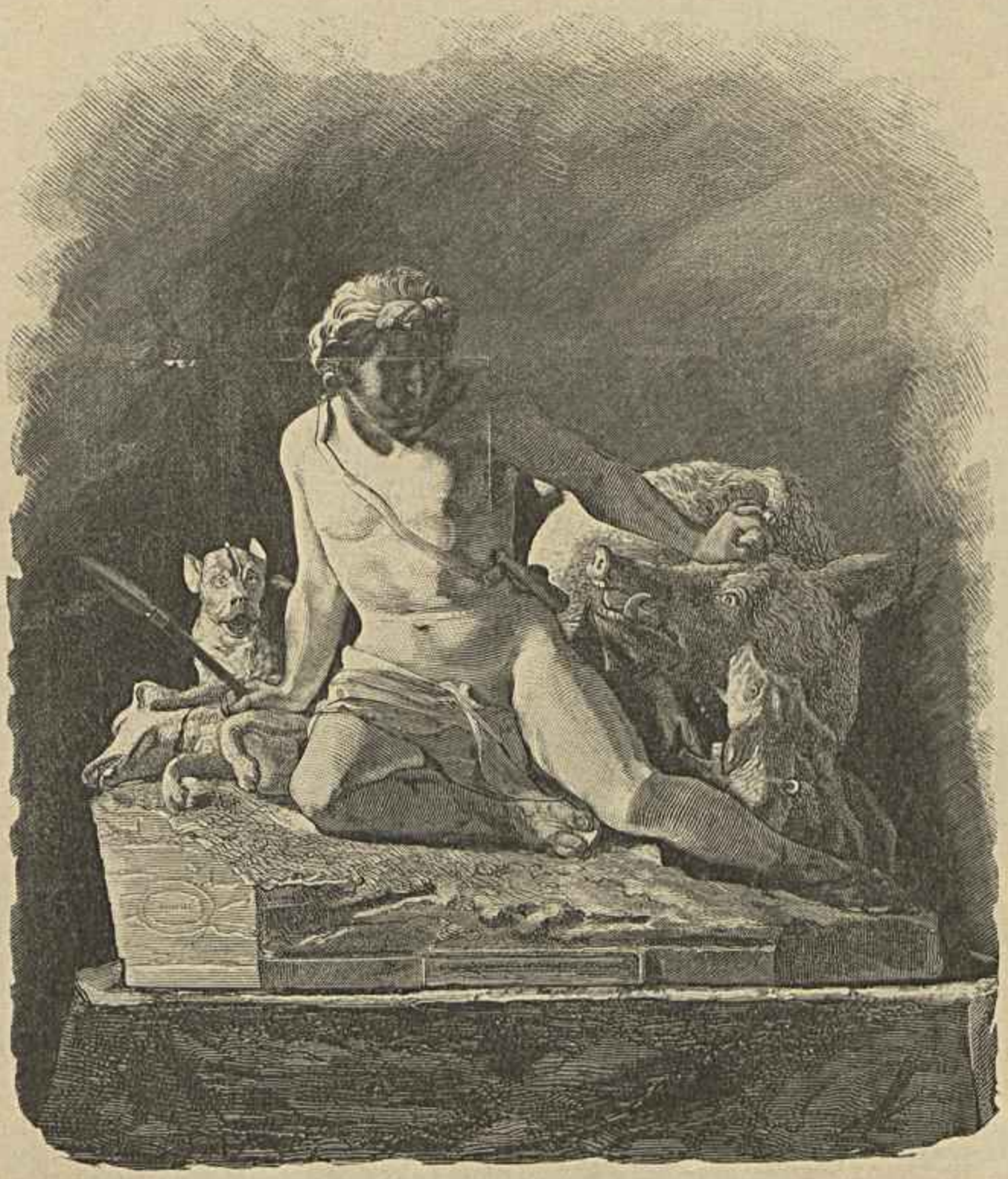
*Prospero Peragallo.*

# HOMENAGEM A' MEMORIA DE ANTONIO MANUEL DA FONSECA

ENEAS SALVANDO ANCHYSES DO INCENDIO DE TROYA — Quadro do sr. Antonio Manuel da Fonseca — Gravura do sr. Diogo Netto

(Copia de uma photographia de Mr. Laurant)

# HOMENAGEM A' MEMORIA DE ANTONIO MANUEL DA FONSECA



ADONIS LUCTANDO COM O JAVALI — Esculptura do sr. Antonio Manuel da Fonseca

(Copia de uma photographia)

## AS NOSSAS GRAVURAS

### VISCONDE DE VILLA NOVA DE OUREM
### NOVO GOVERNADOR DA INDIA

Foi ultimamente nomeado pelo governo, para governador geral da India o sr Visconde de Villa Nova de Ourem, general de artilheria, e que deixou o commando do regimento de artilheria n.º 4, para ir desempenhar esta commissão.

Não é a primeira vez que a este illustre militar é confiada a commissão de governador, pois em 1870 o foi de Damão, tendo já estado na India em 1852, onde desempenhou as funcções de ajudante d'ordens do governador, que era então seu pae de honrosa memoria.

O pae do sr. Visconde de Villa Nova d'Ourem, foi dos mais ilustres governadores que a India tem tido n'este seculo, e que melhor memoria deixou do seu governo n'aquelle estado, tanto como administrador da fazenda e da justiça, como pelo seu valor militar.

O mesmo se pode dizer do governo do sr. Visconde de Villa Nova d'Ourem em Damão, pois se desempenhou d'elle de modo que a municipalidade d'aquelle concelho pediu a El-Rei a sua reconducção, alegando os relevantes serviços que ali prestara e o muito que contribuira para a boa ordem e prosperidade d'aquella terra.

Conhecedor, portanto, d'aquelle paiz, isso é uma garantia para o seu governo, em que decerto terá que luctar com grandes difficuldades, pois é bem conhecida a decadencia d'aquelle estado, outr'ora tão florescente.

O sr. Visconde de Villa Nova d'Ourem já seguiu para Gôa a tomar posse do governo. Que elle seja coroado do melhor exito é o que desejamos para honra sua e bem d'aquelles nossos irmãos de além-mar.

## MIGALHAS DE HISTORIA

### I

### A PRIMEIRA INSPECÇÃO SANITARIA PARA REFORMA

Desde que se estabeleceu no nosso paiz uma forma, mais ou menos definida, de milicia perma

nente com certa regularidade, se intendeu conveniente recompensar os que se houvessem arruinado no serviço publico, ou que, pela sua idade, já o não podessem prestar.

A milicia que então existia, com certa organização regular, era a dos *besteiros*, e estes tinham varias designações taes como: do *conto*, da *camara* do rei e principes, e tambem os houve chamados da *fraldilha*, da *nómina*, etc., o que não insta agora descriminar, bem como outras especies.

Posto que a vida media, segundo os estatisticos e physiologistas, fosse então mais curta, os nossos antigos — ao contrario de certos modernos — intendiam, — talvez mal, é possivel, — que o homem não devia deixar de servir a patria em quanto estivesse em boa disposição physica, porque d'esta e da intelligencia cultivada é que provêm, conforme os gráos, a verdadeira força moral, e não de certas formalidades, onde podem, — com mais ou menos efficacia, — imperar as paixões humanas, sempre más julgadoras.

Prescreveu se pois n'esses tempos, — como a ambição humana os tem mudado! — que a aposentação só poderia conceder-se, quando o homem houvesse attingido a edade de setenta annos: e isto não era só para os que haviam de commandar ou guiar os outros ao combate, mas tambem com relação aos que tinham de combater, quer a braço, com arma branca, quer a tiro, com a bésta.

Ora hoje, que se diz que a vida media é mais longa, não ha razão — como em França se usa — de arrumar para o canto, quasi como trastes inuteis, homens de vigor reconhecido, como tem succedido com generaes do mais subido merito, e agora acontece com o general Galifet, um dos mais considerados e mais brilhantes vultos do seu exercito. Isto além de anti-economico é insensato.

Se ainda existisse o velho Theodoro de Sá, que tanto debicou com seu amigo, o espirituoso abbade de Jazente, ácerca de sua longa idade, como elle riria d'estes apuradores de robustez, e lhes bradaria de novo:

Tres annos uma sebe inteira dura
Por mais que o lavrador se sirva d'ella;
Um cão dura tres sebes, se a cautella
O livrar da pedrada que o procura;

Dura um burro tres cães, se a desventura
Chagas lhe não abrir da albarda ou sella;
Tres burros dura um homem na mais bella
Disposição que a sorte lhe segura.

. . . . . .

Tres de ti durarei e te prometo
Que sempre me hão-de ver moço e menino
Tu!... teu filho, e mais teu neto.

Não é mau recordar estes bellos trechos da nossa boa poesia faceta, hoje, quando trazemos o paladar bôto e estragado pelos condimentos ultragongoricos da poesia nephelibata.

Em outro ponto ainda o mesmo Theodoro reforça a sua opinião, dizendo que o homem de setenta annos:

Forças tem, filhos faz, brincos consente

o que concorda com a antiga disposição, citada antes. Certo é que ha quem em tal idade quasi pareça ter cincoenta annos, em tanto que outros d'esta, já demonstram ter aquella. A verdadeira bitola para avaliar a robustez do individuo, não é, em muitos casos a idade, mas sim a sua disposição physica.

Assim, pois, quando o besteiro chegava áquelle limite, requeria e obtinha a sua aposentação, continuando a receber a sua *contia*, ficando izento de todos os serviços e conservando todas as suas regalias e privilegios: ficava *pousado* ou *aposentado com sua honra*.

Succedia outras vezes tornar-se incapaz por doença ou outro *cajom*, então o rei dispensava n'elle a falta da idade e mandava-o aposentar do mesmo modo. E nada se lhe descontava para a reforma durante o tempo do serviço, como hoje, nem tão pouco depois de aposentado.

Bons tempos aquelles! apesar dos seus defeitos tinham muita cousa boa; hoje... são em geral mais os malles que os bens

Vamos porém, ao caso que nos causou surpresa. Gonçalo Peres, era besteiro de camara de S. A. o Snr. Rei D. Affonso V; embarcára na armada que levou a Borgonha a infanta duqueza, filha de D. João I; foi depois a Tanger na armada com os infantes D. Henrique e D. Fernando, e alli pelejou no famoso palanque até o recolhimento do exercito. Durante as lutas da regencia entre os partidarios do Regente D. Pedro e os da Rainha D. Leonor, seguiu aquelle até o cerco do Crato, que tinha a voz do prior; talvez n'esse ultimo feito alcançasse a hernia que o impossibilitou para o serviço, e em vista d'esse achaque requereu a sua aposentação; antes porém de lhe ser concedida, foi mandado inspeccionar, por Mestre Alvaro, cirurgião, primeiro caso de tal natureza que temos encontrado. Eis o documento.

*Dom Affonso & A quantos esta carta virem ffazemos ssaber que gonçalo pirez nosso besteiro da camara morador em a cidade deuora nos disse que el nos servira no dito officio de besteiro em companha da duquesa de bregonha mynha muito prezada e amada tya quando sse fora desta terra E na armada de tanger honde estevera no pallanque ataa o recolhjmento e esso mesmo agora ao crato E que por quanto el he quebrado de sseu corpo que nos pidja por merçee que o mandassemas apousentar em sua honrra e guardar seu privillegio em quanto o deos leixasse vivver por que per aazo da dita quebradura el nos nom podia servjr no dito officio de beesteiro e visto per nos seu requerimento ante que lhe sobre ello dessemos outro livramento mandamos a mestre alvaro cerorgiam que o visse se era assy como dizia per o qual fomos certo que era quebrado de tal guisa que nos nom poderia ja servjr por beesteiro, portanto Teemos por bem e apousentamollo posto que nom chegue aa ydade per que o deve seer vista ssua alleijon E queremos que logo seia tirado e riscado do numero e conto dos beesteiros da nossa camara E que nom sseja mais costrangido que aja dhjr servjr per mar nem per terra nos fectos de guerras E asy de todollos outros encarregos que perteencem ao concelho de que devem seer escusados os que som apousentados per bem ae hidade de ssateenta annos E ssobre os encarregos que a nos perteencem mandamos que lhe guardem o privilegio que tem de beesteiro da nossa camara posto que nom sirva como aquelles beesteiros da camara que de presente servem e ssom prestes pera servjr em o que lhe por nosso serviço mandarmos Porem mandamos a todollos Corregedores Juizes Justiças dos nossos Regnos e a outros quaesquer officiaaes e pessoas a que o conhecimento desto perteencer que lhe compram e guardem em todo e façom comprir e guardar esta nossa carta pella guise que em ella he contheudo e lhe nom vam nem consentam hijr contra ella em nemhua maneira Ca asy he nossa mercee sem outro alguu embargo. Unde al nom façades doda no bombarral hij dias de Junho per autoridade do Senhor iffante dom pedro & Rodrigue Annes affez anno de hijᵉ Rj (1441)*

*T. do T. Livº 2º Affº 5º f 102 vº*

Eis aqui agora Lourenço Annes, um bravo das hostes do Condestavel e que se achou na tomada de Ceuta, por conseguinte que não tinha menos de cincoenta e tres a cincoenta e quatro annos de serviço, portanto perto de oitenta de idade; o velho filho d'Elvas, emquanto sentiu um resto de vigor, apesar da idade lho permittir, não pediu a aposentação, e por isso se achava ainda nos livros antigos como acontiado, verificado porém, que já não podia servir é aposentado com todas as honras e privilegios dos vassallos pousados.

*Dom affonso & A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a Lourenço Annes nosso vassallo morador em a nossa nobre e leall vjlla delvas por quanto ouvemos por enformaçom que fez muitos servjços a el Rey dom Joham meu avoo cuja alma deos aja em companha do condestabre quando era guerra antre estes rregnos e os de castella E na tomada de cepta e como he em tal idade que nom he pera servjr. Teemos por bem e apousentamolo e queremos e mandamos que gouua e aja todallas franquezas e liberdades que ham os nossos vassallos pousados nom embargando que fosse per nosso mandado devasado ao concelho, porque foi achado nos livros velhos por acontiado E porem mandamos aos Juizes da dita villa delvas e a todollos outros Juizes e Justiças oficiaes e pessoas e a outros quaaesquer que esto ouverem de veer a que esta carta for mostrada que lha compram e guardem e façom comprir como neela he contheudo nem vaão contra ella em nem hua maneira que seja. & dada em leyrea xxix de junho per authoridade do Senhor Ifante dom pedro &. Martim gil a fez anno de iijᵉ Rj. (1441)*

*T. do T. Livº 2º Affº Vº f 105 vº*

Descancem, pois os que já não podem servir a patria, mas os que ainda tem vigor de braço e espirito, nem reneguem esse serviço, nem os façam afastar d'elle.

*Jacinto Peres.*

---

[1] O leitor ponha o nome que queira, nós faremos o mesmo.

# MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

## E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

(Continuada do numero 568)

### XII

Uma das coisas que mais inquietavam o réo eram os jejuns, e com razão, porque essa culpa, ainda sem outras, lhe poderia trazer gravissimo compromettimento; um dos seus empenhos consistia portanto em defender-se d'ella; e por isso, já antes, a 24 de Setembro, pedira declaração do tempo e logar ou logares em que se dizia terem sido feitos. A resposta do promotor foi porém, como de costume, tão deficiente e escura, que o deixou no mesmo embaraço e perplexidade em que estava anteriormente: a declaração do tempo já a sabia pela publicação da culpa (onde o tempo falsamente se marcava), e no tocante ao logar limitava-lhe a cidade de Lisboa. Já não era pouco!

Desnorteado por estas vagas indicações, imaginando que os jejuns succederam fóra da prisão, Villa-Real pede que se apure a verdade do que depoem contra elle; declara o seu modo de vida; onde passava os dias até depois de anoitecer; e combate com varios argumentos tirados da propria lei de Moysès a impossibilidade de os ter celebrado. Vae ainda mais longe: apresenta uns artigos de defeza e contradictas em que repete os mesmos argumentos, além de outros, e entre esses o seguinte: os jejuns eram acções independentes de cumplices; não se podiam saber senão declarando-se; e elle réo decerto não se declararia a dezeseis pessoas, que tantas eram as testemunhas: argumento que provinha da ignorancia de Villa-Real acerca dos vigias, pois as dezeseis testemunhas eram elles. Não se occupavam porém só esses artigos dos jejuns e de haver comido o réo carne a um sabbado, culpa que lhes andava annexa, conforme temos visto; expraiavam-se tambem a respeito das accusações de importação e leitura de livros prohibidos, que combatiam pouco mais ou menos do modo que já sabemos, e sobre o réo pretender a reforma do Santo-Officio com abertas e publicadas, o que negavam, mostrando, pelo contrario, havel-a impugnado; ter entrado n'isso, não por favorecer a gente de nação, mas como pessoa a quem se communicavam as materias de confiança; accrescentando que fôra contra a negociação agenciada pelo padre Antonio Vieira em Hollanda n'este particular e até recusara acompanhar frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo áquelle paiz para egual fim, e mesmo lhe extranhára a ida por ser contra o que havia escripto em Lisboa no assumpto em desfavor de Vieira.

Estes artigos de nada lhe valeram tambem. A 20 de Novembro decidiram os inquisidores que não fosse recebida a defeza, vistos os autos, ser o réo confitente e não excluir com o que articulava a culpa em que estava diminuto. Quanto ás contradictas não lhe foram recebidas ex causa.

### XIII

A 8 de Novembro effeituara-se a primeira sessão apertada, e n'ella o réo nada mais confessara. Em 17 de Dezembro foi a segunda, e n'esta declarou que tinha celebrado a Paschoa de Março de 1746 em Ruão com Francisco Fernandes Martins, seu cunhado, Isabel Dias, sua mulher, e Maria de Moraes sua cunhada; e denunciou Antonio Rodrigues de Moraes e Luiz Antonio de Moraes como desejando ir para Hollanda para ahi viverem livremente no judaismo. Inuteis depoimentos: a Mesa assentou que, posto o réo confessasse ter-se apartado da fé e tomado a crença da lei de Moysés, dizendo de muitas pessoas com que não estava delato, não se achavam as suas confissões no termo de serem recebidas, por ter feito, antes de confessar, quatro jejuns judaicos e depois três; d'onde se concluia não estar verdadeiramente arrependido e dever, como herege e apostata da santa fé catholica, falso, ficto, simulado, confitente diminuto, ser entregue á justiça secular, servatis servandis, e que incorreu em sentença de excommunhão maior e confiscação de todos os seus bens applicados ao fisco e camara e nas mais penas contra os similhantes estabelecidas. Este assento foi confirmado pelo Conselho Geral a 17 de Janeiro de cincoenta e um, e só se declarou ao réo vinte e dois mezes depois, isto é, a 18 de Novembro de cincoenta e dois, porque o Santo-Officio entre os seus actos punha arbitrariamente os intervallos que muito bem lhe parecia, sem piedade nenhuma com os presos, antes, para lhes augmentar o soffrimento, conserval-os na cruel incerteza do destino horrivel que os esperava e accumular ou excogitar por meio do testemunho de outros presos provas dos crimes de que eram processados ou de crimes novos.

Mais de um anno, depois do assento do Conselho, jazeu Villa-Real dentro dos muros da sua estreita prisão, sem tornar a ser interrogado e sem que o processo nos fale a seu respeito, até que em 25 de Janeiro de cincoenta e dois, sendo inquiridos dois presos seus visinhos, fez um d'elles um depoimento que veiu ainda concorrer para compromettel-o. Segundo esse depoimento, o réo, conversando com os presos uma vez, dissera que tinha estado em França, onde o haviam estimado muito reis e principes, correspondendo-se com alguns e em especial com cardeaes; que fôra parar á Inquisição, tendo voltado ao reino, persuadido pelo marquez de Niza, o qual, depois de lhe segurar que El-Rei lhe faria grandes mercês, testemunhara contra elle e buscara doze ou quatorze francezes que depuzeram ter-lhe visto fazer um jejum e comer carne ao sabbado (ainda a ignorancia de haver vigias); mas que Deus o castigara com a prisão nos carceres

do Santo-Officio de seu cunhado, o conde de Villa Franca. Outra vez perguntou Villa-Real a um preso visinho pelo homem grande, que era Duarte da Silva,[1] obtendo em resposta que vivia bem e muito mimoso, pois lhe davam quanto pedia; e se Duarte da Silva sabia estarem seus filhos na Inquisição; ao que o preso tornou que sim. Pediu-lhe tambem Villa Real noticias de um fulano Sequeira, encarcerado pelo Corpo de Deus, porque era pessoa que lhe podia dar novas importantes, e que lhe indicasse algum preso que pudesse contar o que passava lá por fóra; ao que o interrogado replicou que estivera com um Sequeira, o qual lhe dissera que sahiriam todos com perdão geral, porém que era outro. Pediu-lhe egualmente Villa-Real que, se o soltassem antes d'elle, procurasse o padre Antonio Vieira e o avisasse de se indagar muito na Inquisição do seu procedimento nas terras extrangeiras por onde andara, e de que portanto lhe convinha acautelar-se; o que o preso lhe prometteu fazer por si ou por outrem. Perguntou mais Villa-Real a outro preso por um parente d'este; e, ouvindo que comparecera na Mesa para accusar-se, observou que considerasse o que fazia e advertisse que se levavam ao Santo Officio com aquella préssa muitos innocentes; que, pois tinha andado por Castella, depuzesse das pessoas culpadas de lá, e não dos innocentes que estavam no reino, nem inquietasse estes e os tirasse de suas casas. Disse ainda Villa Real, falando geralmente aos presos do corredor, que Duarte da Silva prejudicava a todos, porque a sua muita riqueza era motivo de lhe demorarem a prisão, e que só de uma vez tinham ido para a Inquisição dez mil cruzados. Além d'isto, queixou-se-lhes Villa-Real do Santo-Officio, observando que prendia um homem, embora estimado e bem conceituado, porque dois christãos-novos testemunhavam que se declarara com elles, e que, se o mesmo preso se queria defender e apresentar em prova da sua defeza outros christãos-novos, lhe respondiam que no Santo-Officio não se dava credito a gente de nação.

Quando houve estas conversas, o réo estava na quinta casa do Corredor Meio Novo, para onde fôra mandado em 16 de Dezembro de cincoenta e um, e o declarante na sexta. Naturalmente por meio de signaes convencionados, talvez aquelles toques na parede que um dos vigias notou, ou por Francisco Gomes Netto, desde Junho de cincoenta, pouco mais ou menos, seu companheiro de carcere, ficou sabendo que nos visinhos existiam presos seus correligionarios; julgou levianamente poder confiar-se n'elles, e commetteu a imprudencia de falar-lhes. Constou este abuso aos inquisidores, e d'ahi proveiu ser mudado o réo de casa e de corredor, e ir o preso declarante, que então foi occupar a casa onde morara Villa-Real, relatar o que lhe ouvira, para prevenir, observava elle, que fizesse o mesmo no carcere que novamente lhe tinham assignado.[2]

*(Continúa).* RAMOS COELHO.

## OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 568)

São extraordinarias as grosseiras illuminuras que illustram este manuscripto e bem disse o nosso sabio Herculano, ellas constituem subsidios d'altissimo valor para o estudo dos costumes.

E' escripto em grosso pergaminho e as miniaturas, desenhadas a castanho escuro, tem invariavelmente o colorido a duas tintas, vermelho (*minium*, oxydo de chumbo) e amarello.

Muitas representam scenas de morte, degolação, prisão, adulterio, guerreiros de trajos compridos e cingidos ao corpo, outra a ceifa, um lagar, a vindima, etc. é o que se vê nas suas sessenta illuminuras. A architectura das miniaturas é por vezes do estylo romanico, porém a maioria é a mosarabe.

Este commentario é muito notavel, decerto o mais antigo que existe na Europa. O seu aspecto archaico leva nos a crêr isso. Em Londres vê-se uma collecção de commentarios ao Apocalyse porém nenhum é tão antigo como este. E' de notar que a primeira obra que despertou o concurso dos illuminadores fosse o Apocalypse, e isto devido ao assumpto tratado que ás mil maravilhas se prestava á imaginação e phantasia d'esses artistas.

Merecia uma descripção especial feita com proficiencia e melhores elementos do que os que possuimos.

**Livro d'Horas**, de el-rei D. Duarte, com estampas, grandes tarjas, lettras capitaes e versos a côres e oiro, profusamente illuminado com miniaturas de somenos valor.

Na pagina em que principia o Officio á Virgem lê-se o seguinte em lettra gothica:

ILLUSTRISSIMI PRINCIPIS EDUARDI JOLIANIS PORTUGALIE ET ALGARBIS REGIS SERENISSIMI CEPTEQUE DOMINI FILII PRIMOGENITI. A lettra inicial d'esta pagina tem o escudo portuguez com o banco de pinchar pintado de branco e as flôres de liz. No fim ha mais algumas orações escriptas com differente lettra, e ornadas por outro artista.

A primeira estampa representa Santa Catharina com a corôa real, com a palma e a roda do martyrio.

**Reforma de D. Manuel**; vimos, dos quarenta e nove volumes, o *Livro das Ilhas* que é dos mais ricos. Abre com uma formosa illuminura em toda a pagina. Folha de esplendido pergaminho maximo.

No alto d'ella vêem-se as duas espheras amillares e as armas portuguezas sustidas por dois anjos.

N'uma das tarjas, a de baixo, julgam vêr alguns em dois medalhões os retratos de D. Leonor e de D. Manuel.

Ha ainda uma finissima miniatura, bem vista, só á lente, que está collada a esta pagina, cujo fundo é todo de ouro com a pintura a côres lindissimas.

**Livro I da Extremadura. Os dos Padroados. Das Legitimações**, *etc., etc.* são verdadeiras maravilhas cuja perfeita descripção requereria uma vida inteira.

**Livro dos Copos**, pertenceu á ordem de S. Thiago.

Chamava-se *O Livro dos Copos* porque na capa havia uma cruz de metal da forma dos copos d'uma espada.

E' um grosso manuscripto, em papel, com cerca de 500 folhas.

A sua escripta abrange os seculos, XV a XVI e XVII e contem diversas illuminuras.

Na folha 3, no principio, tem uma illuminura grande que representa D. João II. E' um subsidio historico d'alto valor.

**Officios de Nossa Senhora**, em latim e francez, illuminado profusamente. Em quarto. Pergaminho. Deve ser do seculo XV. Existem outros muito semilhantes n'este mesmo archivo. Pertenceu a *Glaudine de Barsenay*. Ha outro cuja encadernação é riquissima, e só por isso vale. Tem o Christo crucificado em lavraria dourada no couro da capa.

**Livro dos Evangelhos**, *que serve na mesa do Sancto Officio da Inquisição.*

*Ordenado por mandado do Illustrissimo sr. Bispo Dom Pedro de Castilho Inquisidor Geral n'estes Reynos & Senhorios de Portugal.*

*No Anno de* M.D.C.VIII.

Preciosissimo manuscripto, e seja-nos licita a a expressão, tem o estylo do missal de Estevão Gonçalves, isto é, d'uma alta perfeição e a circumstancia de ter sido já feito em pleno auge da imprensa.

E em oitavo francez, de excellente pergaminho e encadernado em peluche vermelha com ornatos de prata dourada.

**Livro das fortalezas**, *que são situadas no extremo de Portugal e Castella. Reinado de D. Manuel 1495 a 1521.*

Este manuscripto foi feito por Duarte de Armas, debuxador e escudeiro da casa de D. Manuel que n'elle desenhou a traço de penna as vistas tomadas do natural das fortalezas do reino e bem assim as respectivas plantas.

Tem este precioso livro 137 folhas de pergaminho e com quanto não seja illuminado, pelo seu muito valor aqui o citamos. Suppomos que fosse feito pelos annos de 1500 a 1507.

### V

### A COLLECÇÃO DO REAL MOSTEIRO DE LORVÃO

Na Torre do Tombo, encontram-se archivados muitos manuscriptos illuminados que pertenceram ao cartorio do Mosteiro de Santa Maria de Lorvão.

Aqui deixamos o nosso testemunho da sua existencia n'aquelle archivo nacional, e registamos as indicações que no seu estudo e do seu exame podémos investigar e deprehender.

**Codice do seculo XII**, e que principia: *Incipit prolugus cujusdam adramerium conversum.* E no fim da ultima folha diz: *Scriptus est liber iste ad laudem et honorem dei omnipotentis et sancti mametis laurbanensis monasterii tempore regis alfonsi in diebus Johannis abbatis. Era* M.CC.XXI (1183).

Precioso manuscripto, um dos mais antigos que temos admirado, illuminado com miniaturas de desenho correcto, especialmente nas figuras e aves, pombos e outras.

Boa lettra, que é toda igual excepto no fim, e d'esta differença se resentem tambem as miniaturas que para o fim são de um desenho grosseiro. Suppõe-se que este manuscripto fosse illuminado no proprio mosteiro de Lorvão.

Este manuscripto tem miniaturados uma porta-da arabe, e no fim a creação da mulher.

E' um tratado mystico das aves por um tal Adramerio.

**Antiphonario**. Este manuscripto parece que foi primitivamente escripto em cadernos de oito folhas e pela numeração d'elles, posta no fim da ultima pagina de cada um, se reconhece a falta dos tres primeiros.

Começa, pois, na primeira folha do quarto caderno, que devia ser 25.ª do Codice.

Termina, depois de muitos saltos e faltas, no fim do caderno 27, mas devia ter continuação. Tem ao todo 193 folhas mas a numeração primitiva devia ir, pelo menos, até 216.

Suppõe-se pertencer ao seculo XIII. O pergaminho é finissimo, posto que muito amarellecido pelos seculos; a notação da musica, em 4 linhas, é primorosa e delicada e as illuminuras das lettras capitaes são de valor como por exemplo nas paginas 160 a 166 *a*, e 167 *a*.

**Exposição de Santo Agostinho**, sobre os psalmos.

Grande manuscripto em folhas de pergaminho, do seculo treze, talvez da era de M.CC.XXII, o qual está incompleto e começa assim: *In nomine Sancte et indiri due trinatis.*

Como manuscripto illuminado é de valor insignificante.

**Lissionario Antigo.** — E' illuminado simplesmente nas lettras do principio de cada lição e é escripto com magnifica lettra a duas columnas por pagina. E' um volume em folio.

O pergaminho mostra grande antiguidade porém é difficil dizer com segurança a que seculo pertença. Comtudo pela simplicidade das lettras illuminadas e pela grandeza da lettra do texto suppomos pertença aos fins do seculo XII.

O encadernador d'este livro empregou na parte interior da capa um manuscripto, em francez, de época mais moderna, o qual é uma conta de trigo e de centeio passada por um Jacques. Deprehende-se d'isso que este livro fosse encommendado, ou viesse por outro qualquer modo de França.

N'um outro LISSIONARIO ANTIGO, dois volumes, seguramente a continuação do primeiro, lê-se o seguinte escripto decerto no seculo XVI: *este livro quiriamos hẽ dous volumes; e q se acabase hũ neste sabado sãto e ponha aqui huã folha pa se escreuer este cabo das lições o outro começara e o dia da pascoa.*

Effectivamente o presente manuscripto começa *na paschoa*

Como a encadernação é differente, esta nota acima em nada envalida a suspeita que sobre a origem d'este livro já indicámos.

Podia ser mesmo que viessem de França o segundo e terceiro volumes sem encadernação. Seria assim?

**Livro dos Prophetas**, seculo XIII, as lettras são illuminadas em ouro purissimo. E' um antiquissimo manuscripto, digno de vêr-se.

**Diffinições da Ordem de Cister**. E' em pergaminho de formato oitavo francez e só as lettras capitaes são illuminadas merecendo mensão a do principio.

Tem em magnificos caracteres gothicos escriptos a vermelho o seguinte por onde vemos pertencer ao principio do seculo XIV:

INCIPIT COMPILLATIS DEFFINICIONUM = AN. DOMINI M CCC. OCTAVO DECIMO. Isto é, foi feita em 1318.

Era bem encadernado e ainda se vê n'elle um fecho de metal.

**Missal antigo**, seculo XIV? Riquissimo pelo grande numero de illuminuras.

Como começa pelo calendario, ha vinhetas apropriadas representando, a ceifa, a vindima, a cuba,

---

[1] Sobre Duarte da Silva, potencia monetaria do tempo, com grosso tracto no reino e fóra d'elle, para França, Inglaterra, Allemanha, Hollanda, Italia e para a colonia do Brasil, e sobre o seu processo e fataes consequencias do mesmo nas praças de Amsterdam e Hamburgo, as quaes com o governo portuguez tinham largas transacções, que por essa causa ou se difficultaram ou se annullaram, veja-se o que dizemos de pag. 486 a 489 do 2.º vol. da nossa *Historia do Infante D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV.*

[2] Apesar de ser rigorosamente prohibido falarem os presos uns com outros e até baterem nas paredes para se chamarem ou avisarem, parece que havia grande relaxação no cumprimento d'essas ordens, pois o declarante ouvia seus visinhos conversarem depois de jantar, e Villa-Real, que era o que então lhes dava os bons dias e o que mais falava, fazel-o ora em portuguez, ora servindo-se de algumas palavras latinas; mandar recados de uns carceres para outros, no que os restantes presos o imitavam; e até recitar versos. Uma vez um preso, passando por defronte da porta do carcere de Villa-Real, disse-lhe que o tinham levado ao tormento. Estas infracções das ordens inquisitoriaes eram porventura permittidas intencionalmente. Deixavam os desgraçados assim á larga para mais se enredarem, e alcançavam depois pelas mutuas denuncias novos elementos de accusação. O declarante ignorava o nome de Villa-Real e denominava-o o homem da voz delgada. Aos presos ouvia nomear o capitão, e este capitão era, como sabemos, Villa-Real. O *Regimento*, ainda para evitar a correspondencia dos presos e as suas consequencias, determinava que não puzessem no mesmo carcere, nem até no mesmo corredor os que fossem parentes, nem, quando possivel, no mesmo corredor os conhecidos ou da mesma terra, nem os que tivessem egual crime, nem presos novos com antigos.

o matar do porco, etc. Tem, entre outras, o Christo, que se repete invariavelmente.

Uma miniatura ha em que se vê S. Pedro crucificado. Ainda uma outra onde se vê Jesus e os seus apostolos e entre elles distingue-se o rosto agradavel de S. João Baptista.

**Psalterio**, que principia: *Beatus vir qui non ibiit in Consilio empiorum.*

Tem 156 folhas de pergaminho em 4º pequeno e que se julga pertença ao seculo XIII.

A lettra é magnifica e as capitaes são illuminadas de chapa. E' de valor, tem tambem algumas figuras.

**Psalterio e breviario**, velho manuscripto que começa: *In vigilia Sollepnitatis.* Attribue-se ao seculo XIV; é de boa lettra e em pergaminho do formato do antecedente.

Tem 297 folhas. As illuminuras são sem valor artistico, restringem-se ás lettras capitaes e são as costumadas nos manuscriptos usuaes da época.

**Livro primeiro das missas**, *prinsepia no primeiro Domingo do Advento.*

Enorme manuscripto, de folha maxima de pergaminho, cujas illuminuras se limitam ás lettras capitaes que são d'um desenho miudo a duas côres umas a azul e vermelho, outras a azul e amarello.

E' um d'aquelles livros de cantochão que o seculo XVI nos legou.

Está bem encadernado e nas capas tem cantos de metal; no centro do rosto, as armas portuguezas com as quinas em cruz e quatro castellos postos em quadrado, tambem de metal.

**Livro terceiro das Missas**, o qual principia na quarta dominga da Quaresma. Grande manuscripto em pergaminho de tamanho maximo.

E' um livro de cantochão, seculo XVI, e é encadernado com cantos e fechos de metal. E' semilhante *ao livro primeiro das missas.*

**Livro quatro das Missas**, *principia dia de Paschoa.* Fol. maxi. de pergaminho com fechos de metal.

*(Continúa).*

ESTEVES PEREIRA.

## REVISTA POLITICA

Abriu finalmente no dia 1 o parlamento, e este finalmente tem aqui todo o cabimento, porque vae para anno e meio, que as suas portas se haviam fechado, sem a verbosidade rhetorica dos illustres deputados ter onde expandir-se.

Anno e meio é muito para o silencio dos ditos illustres deputados, e por isso logo que se apanharam de portas abertas e em plena sala do parlamento exploiram em desenfreada algazarra, n'um berreiro atroador, para desforra do tempo que tinham estado calados.

Nem aquelle algraviu a quem o rei D. João VI prometeu uma peça d'oiro para estar calado, excedeu em algraviada os illustres paes da patria, d'esta pátria que parece já não ter pae!

Logo no segundo dia de parlamento, quando ainda se preparava a constituição da camara, o que leva uns poucos de dias, se revoltaram os mares, e o furacão se desencadeou, aproposito de haver ou não haver numero de deputados na sala para se proceder aos trabalhos, isto depois da presidencia ter verificado que havia.

Ora quando esta tempestade se levantou por tão pouco, quando ainda a camara não se acha verdadeiramente constituida, nem se entra ainda nos trabalhos parlamentares, propriamente ditos, é facil calcular o que será quando principiarem a chover as interpelações, e a desenrolarem-se as discussões em vehementes discursos preparados a effeito, com acompanhamento de carteiras arrombadas, e em grandes gestos de indignação platonica?

Uma comedia!

Francamente se é para isto que se abre o parlamento, melhor fôra deixal-o fechado, em santa paz.

Para cumulo de infelicidade o discurso da corôa, que costuma ser uma peça annodina, sem *piadas*, um chavão pela fórma, sahiu-se d'esta vez com duas palavras, que tem dado que fallar e que escrever, servindo de thema a varios artigos de fundo irritantes e intrigantes, com que até algumas folhas governamentaes tem intupido.

Foram só duas palavras, no meio de milhares d'ellas, que levantaram tantos reparos e provocaram até um protesto que correu impresso, n'estes ultimos dias.

Essas palavras foram um *em regra* que se diz no discurso, referindo se á conducta da marinha de guerra portugueza.

Mas ao mau portuguez do discurso da corôa, responderam os brios muito portuguezes da marinha, n'um protesto que sahiu a publico, e que apesar de não ser assignado, como facilmente se comprehende attenta a disciplina militar, não deixa de affirmar que aquellas palavras, propositadamente mettidas no discurso da corôa, como já o declararam algumas folhas governamentaes, não passaram despercebidas á briosa corporação a quem eram dirigidas, apressndo-se esta a lavrar o seu protesto, reservando-se para depois levantar a luva no parlamento.

Este assumpto estava entretendo as attenções do publico quando veio a noticia de disturbios em Lourenço Marques, que subresaltaram os animos.

As noticias eram realmente para subresaltar, porque diziam que o gentio se preparava para atacar a cidade e n'esta o panico era geral.

VISCONDE DE VILLA NOVA D'OUREM
— NOVO GOVERNADOR DA INDIA

(Copia de uma photographia)

Esta attitude do gentio faz suppor, com bom fundamento, que é resultado de instigações de alguem interessado em perturbar a ordem em Lourenço Marques, compremetendo a auctoridade e suberania portugueza n'aquella nossa colonia, tanto mais coincidindo com a chegada á cidade de Cecil Rhodes, que é sabido andar empenhado em banir a suberania de Portugal d'aquella parte d'Africa.

Para soccorrer aquella nossa possessão deu o governo as providencias necessarias, ordenando a partida para ali de dois navios de guerra, o segundo batalhão de caçadores n.º 2 e uma bateria de artilheria de montanha.

Oxalá que esses soccorros vão a tempo de fazer respeitar a bandeira portugueza, e que os planos, se os ha de alguem, de querer mostrar que não podemos garantir a segurança de tantos estrangeiros que constituem a população d'aquella cidade, saiam gurados.

Mas não param aqui os casos que nos ultimos dias deram que fallar d'entro do campo da politica.

No dia 7 o partido republicano tinha preparado uma manifestação desfarçada em um almoço que queria offerecer ao sr. D. Nicolás Salmeron, a bordo d'um vapor, em passeio fluvial no Tejo.

A policia, porem, soube a tempo do projectado almoço, e no momento em que todos se preparavam para embarcar, prendeu o ex-presidente da republica de Hespanha, mandando-o pôr na fronteira.

Isto levantou uma gritaria infernal dos jornaes republicanos, que viram frustrado o almoço e o bello passeio no Tejo, apesar do dia não estar de convidar para estas digressões.

Uma coisa, porem, parece ter indignado mais que tudo os democratas republicanos e fazer com que elles não desculpassem a prisão do sr. Salmeron, e foi esta ter sido intimada por um simples policia que conduziu o sr. Salmeron á presença do sr. Moraes Sarmento que o esperava em um trem no Caes Sodré para o conduzir ao Governo Civil.

Os democratas republicanos queriam que a intimação fosse feita pelo sr. Governador Civil e n'este caso davam razão ao governo que mandou expulsar o sr. Salmeron, que vinha por sua vez repetir em Lisboa, o que alguns republicanos portuguezes tinham feito o anno passado em Badajoz.

Lá que fosse o sr. Governador Civil, então estavam de acordo, mas um simples policia... *shocking!*

E aqui está a democracia republicana em que veio a dar e mais o almoço.

E por aqui nos ficamos á espera que o *Correio da Manhã* desembuche com a nota dos serviços publicos do novo ministro das obras publicas, que lhe pedimos por especial fineza.

*João Verdades.*

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**A Agricultura contemporanea**, *revista mensal agricola e agronomica.*

Recebemos o n.º 6, de 27 de Setembro de 1894, d'esta bem redigida revista. Contem artigos de alto valor nas especialidades que tratam.

Dirigida proficientemente e com o concurso d'uma pleiade de homens peritos em agricultura, agronomia, silvicultura e veterinaria, é indubitavelmente digna esta publicação do acolhimento lisongeiro que recebe.

**Union Ibero Americana**, *revista mensual, Ano IX. 4 Septiembre 1894, N.º 108. Madrid.*

Este numero que temos presente contem a *secção official*, da sociedade de que a *Union* é o orgão; a secção de *Literaturas, Ciencias y Artes*, encerra um primeiro artigo sobre historia do Egypto, muito bem escripto, sob um ponto de vista muito apreciavel o qual é um substancioso resumo da historia d'aquelle antiquissimo povo. Segue-se um outro sobre *Sciencias novissimas*, por Henrique Prúgent o qual trata de Hypnotismo e da suggestão e as suas relações com a medecina; artigo muito notavel.

Completam este folheto as secções de *Agricultura, Ciencias, Industria y Commercio, Legislativa y Estadistica.*

**Revista theatral**, *Capital federal. Director Alvarenga Fonseca. Illustrações de Bento Barbosa.*

Esta revista brazileira, propriedade dos srs. Carvalho & C.ª, tem oito paginas das quaes quatro illustradas com lithographias, desenhos do sr. Bento Barbosa. O aspecto da elegante publicação é muito parecido com a italiana il theatro Ilustrato. Os retratos que insere são muito bem desenhados e bem mostram que os originaes são na verdade muito formosos.

Uma longa vida é o que desejamos á graciosa revista.

**ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»**

**Para 1895**

Sae brevemente a publico este magnifico annuario para o qual se recebem desde já encommendas na

**Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa**

**Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.**

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª